

MBARTE

Newsletter da MBlois Galeria de Arte

Nesta Edição

O Carnaval na palheta dos pintores

Liz Wood

A fotografia focada na conexão humana

A ARTE ATRAVÉS DO TEMPO

Colour Field

Gravura

EXPOSIÇÕES IMPERDÍVEIS

ARTE É NOTICIA

MBlois Galeria de Arte

t. 21 9 9138-3522

f. 21 3439-5009

e. exposicoesmbgaleria@gmail.com

e. Rua Visconde de Pirajá, Galeria III - Loja E - Ipanema - Rio de Janeiro, RJ

<http://www.mbloisgaleriadearte.com.br/>

Edição: Maria Eduarda Aceti (estagiária)

Conteúdo: Marlene Blois

Maria Eduarda Aceti (estagiária)

Revisão: Marlene Blois

O Carnaval na palheta dos pintores

O carnaval é uma festa cuja origem remonta à Grécia Antiga. Os primeiros registros a caracterizam como uma celebração pagã, com intuito de comemorar o início de um novo ano e de uma nova estação. Na Grécia, as festas “dionísicas” (homenagem ao deus Dionísio) e na Roma Antiga as “bacanais” (dedicadas a Baco), eram mais liberais, sempre regadas a vinho.



Paulo como Arlequim, 1924, Pablo Picasso



Cena de Carnaval, 1823, Jean-Baptiste Debret

A festa ao longo do tempo ganhou novas características, mas sempre despertou o interesse dos artistas de diferentes estilos e escolas. Debret deixou registros artísticos do carnaval do Rio de Janeiro, ainda no tempo do Império. Picasso, Tarsila, Cézanne, Mirò, Di Cavalcanti, Portinari, entre outros, nos deixaram obras sobre o carnaval.



Carnaval em Madureira, 1924, Tarsila do Amaral



Carnaval do Arlequim, 1925, Joan Miró



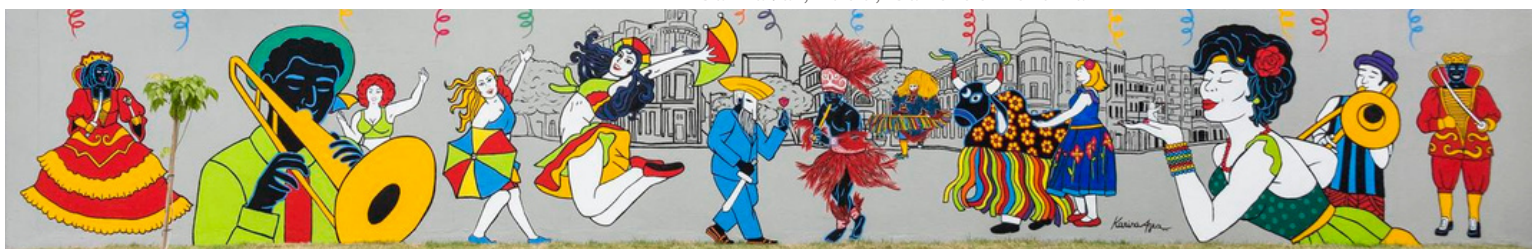
Carnaval nos Arcos da Lapa, c. 1960, Heitor dos Prazeres



Mardi Gras o Pierrot et Arlequin, 1888, Paul Cézanne



Carnaval, 1960, Candido Portinari



Grafite em Recife, 2017, Karina Agra

1. Quem é Liz Wood

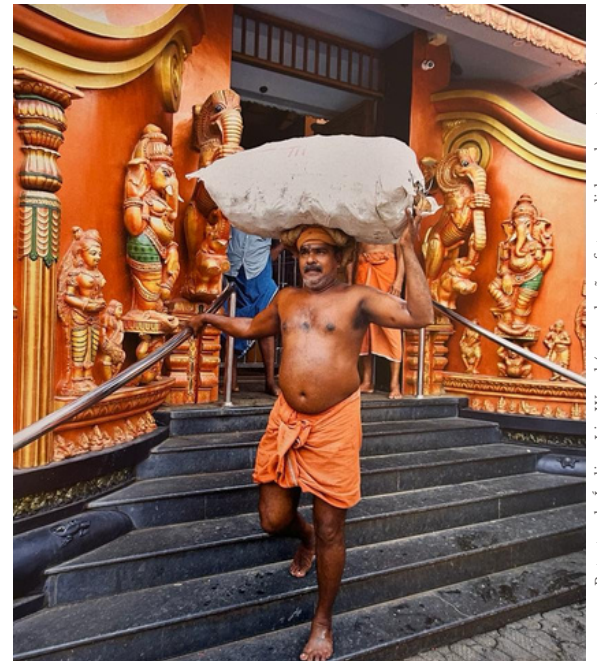
Liz Wood é uma fotógrafa brasileira com 29 anos de trajetória, que se destaca por sua habilidade em capturar a essência humana e a natureza. Radicada nos EUA há oito anos, tem um estilo fotográfico versátil, mas sempre focado na conexão humana. Fundadora da Liz Wood Art Selection é criadora de conteúdo, com mente inquieta, sempre buscando novos caminhos e desafios. Participa de exposições internacionais e tem trabalhos publicados em livros renomados, além de colaborações com grandes jornais e revistas. Seu legado cultural é vasto, com exposições em diversos países e projetos pessoais em cidades como Miami, Nova York e Los Angeles.

2. O que é a Liz Wood Art Selection?

A “Liz Wood Art Selection” é uma Galeria virtual que tem como foco divulgar o trabalho de artistas de diversas áreas e realizar exposições em feiras de Arte e em galerias nos Estados Unidos e Europa.



Retratos da Índia - Liz Wood (reprodução: foto cedida)



Retratos da Índia - Liz Wood (reprodução: foto cedida pela autora)

3. Qual o significado da fotografia para você?

Independente de qualquer coisa, fotografar significa criar um vínculo momentâneo com quem está no foco das lentes. É fundamental que haja essa conexão ou a fotografia fica vazia, sem alma. Pelas ruas por onde ando, gosto de observar o anônimo, o invisível, crio suas histórias e as registro em imagens.



4. Xuxa e Kobra, dois ícones internacionais da Arte. Como foi trabalhar com eles como fotógrafa?

Um de meus livros publicados, “Na Trilha da Cultura” tem como tema o encontro entre a educação e a cultura no universo escolar. A publicação chamou a atenção da Fundação Xuxa Meneghel e, junto com a jornalista Clarissa Rocha, fomos convidadas a realizar um livro que tinha uma proposta maravilhosa: dar voz à criança. Assim nasceu o “Brasil das Crianças” um projeto lindo em parceria com Xuxa Meneghel.

Com o Kobra não houve uma parceria, mas, sim, uma colaboração. Ele precisava de foto de uma bailarina para grafitar uma parede de uma escola de balé em Miami. Ele foi o autor intelectual da foto, enviou a referência do que tinha em mente e eu fui chamada para fazer essa fotografia. Foi uma emoção grande ver aquela foto imensa, sendo desenhada e colorida por esse artista tão incrível que é o Kobra.

5. Quais são os seus próximos projetos?

Exposições na ArtExpo New York 2024, em abril. De julho a agosto, uma exposição coletiva, em Veneza na Itália, que inclui pintura, escultura e fotografia e desta vez, também irei participar expondo alguns de meus trabalhos.

A ARTE ATRAVÉS DO TEMPO

COLOUR FIELD - Vastas extensões de cor intensa na busca de emoções subjetivas

O estilo surge nos anos 1940, trabalhando extensões de cor com muita intensidade, com total liberdade pictórica herdada do expressionismo abstrato. Os artistas saturavam as telas com apenas duas ou três cores, e, em um processo que permitia que as tintas se misturassem, ao se dissolver naturalmente. As bordas de cada cor não se apresentavam com boa definição, ficando sem plena distinção.

Seus adeptos evitavam criar elementos figurativos e rejeitavam detalhes supérfluos, permanecendo focados em abstrações simplificadas, com relevância nos campos de cor. A proposta era que a obra criada inspirasse, no espectador, meditação, contemplação ou mesmo reflexões. Como as cores eram, em síntese, aplicadas em faixas, que pareciam não ter início ou fim, os artistas buscavam com isso despertar emoções espirituais.

DESTAQUES: Mark Rothko, Clyfford Still, Robert Motherwell.



Mark Rothko, No. 14, 1960 (reprodução: internet)



Clyfford Still, PH-972, 1959 (reprodução: internet)

GRAVURA - A técnica que reproduziu obras de grandes mestres

A gravura passou a ser usada pelos pintores do século XV, com destaque para Martin Schongauer, o mais destacado gravador da Alemanha, após ser desenvolvida por ourives do país. A técnica consiste na produção de estampas, usando chapas metálicas e o buril, um instrumento cortante. Pintores alemães, como Albrecht Durer, aprimoraram a técnica, desenvolvendo formas de modelagem tonal e de contrastes, criando retratos e paisagens de grande beleza.



A Grande Onda de Kanagawa (1831) (reprodução: internet)

Pintores italianos também empregaram a gravura, tornando-a popular. Alguns trabalharam com gravadores, que faziam a versão em gravuras de suas pinturas. Vale destacar Rafael, que trabalhou com Marcantonio Raimondi, um gravador italiano de grande fama, que, difundiu as obras do mestre.

Na época, a gravura não só foi utilizada como uma técnica em si, mas, também, como forma de reprodução de pinturas de artistas já consagrados.

Destques: Rembrandt, Rubens, Schongauer, Durer, Van Dyck.



Jovem sentado no chão com uma perna estendida - Rembrandt van Rijn, Holanda, 1646. (reprodução: internet)

Exposições imperdíveis!

MBLOIS
GALERIA DE ARTE

CONVIDA

MÚLTIPLOS
Abertura
20.02
2024
16h às 19h

ENTRADA FRANCA

MÚLTIPLOS CAMINHOS DA ARTE

EXPOSIÇÃO ARTISTAS
PINTURA
BENJAMIN ROTHSTEIN
DOMINIQUE COLINVAUX
ELOGER
MARLENE BLOIS
NANCY PITTA
W.VICENTINI

CERÂMICA ARTÍSTICA
DORIS GERALDI

HOLOGRAMA ARTE
JÜRGEN EICHLER

Visitação: de 20/02 a 04/03/2024 | Seg a Sex | 14 às 18h

www.mbloisgaleriadearte.com.br

Rua: Visconde de Pirajá, 111 - Loja E
Ipanema / Rio de Janeiro - Brasil

mbgaleriadearte@gmail.com
55 21 3439-5009

- **Múltiplos Caminhos da Arte**

De 20 de fevereiro até 04 de março

De segunda a sexta, das 14h às 18h

Mblois Galeria de Arte - Rua Visconde de Pirajá, Galeria 111 - Loja E - Ipanema

Entrada franca

- **Museu Carmen Miranda**

Quarta a sexta-feira, das 11h às 17h, e aos sábado, domingos e feriados, de 12h às 17h

Parque do Flamengo, em frente ao n.º 560 da Avenida Rui Barbosa, Rio de Janeiro-RJ

Entrada franca

- **Conversas entre Coleções**

Até 24 de março

De terça a domingo das 12h às 18h (Entrada até 17h15)

R. Cosme Velho, 1105 Rio de Janeiro, RJ

Entrada franca

ARTE É NOTÍCIA

8.000 xilogravuras. Para onde irão?

A Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão (SP), é um museu particular fundado em 1987 para abrigar a maior coleção de xilogravuras do Brasil.

A situação das xilogravuras repete a do maior acervo de arte naif do mundo que está sem destino. O museu que o abrigava no bairro de Cosme Velho, no Rio de Janeiro fechou por falta de apoio financeiro e interesse do governo. (matéria na newsletter n.º 10).

Antonio Costela, o grande colecionador de xilogravuras e criador do museu, já com 80 anos, tinha um acordo com a USP para doar todo o acervo, além do prédio histórico que abriga o museu, o Mosteiro de São João construído em 1928.

A USP, tinha um acordo em andamento com Costela, ex-professor da Escola de Comunicação/USP, mas a nova reitoria o surpreendeu ao levantar questões financeiras para assimilar todo o acervo da Casa da Xilogravura.

Até quando a cultura em nosso país será tratada sem o devido respeito?



(reprodução: internet)

Colaboraram neste número

Entrevistada: Liz Wood

Revisão gráfica: Alessandra Fontes Moura